

PERCURSO LIVRE

Edison Rodrigues Filho

PERCURSO LIVRE

Garamond

Coleção Olímpia

Coordenação: Cristiane Amorim

Revisão: Raquel Menezes

Projeto gráfico e editoração: Estúdio Garamond

Capa: Thiago Antônio Pereira

Copyright © Edison Rodrigues Filho

Direitos cedidos para esta edição à

Editora Garamond Ltda.

Rua Cândido de Oliveira, 43

Rio de Janeiro · RJ · Brasil · CEP 20.261-115

Tel: (21) 2504-9211 · editora@garamond.com.br

www.garamond.com.br

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R614p

Rodrigues Filho, Edison

Percurso livre / Edison Rodrigues Filho; [coordenação Cristiane Amorim]. - 1.

ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

76 p. : il.; 21 cm. (Olímpia; 4)

ISBN 9788576174141

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Amorim, Cristiane. II. Título. III. Série.

15-22641

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Uma façanha que valeu uma vida

A sirene dá a largada! Começa a prova olímpica de triatlo. Um choque de adrenalina em alta voltagem atravessa meu corpo. Estou em louca disparada, em direção ao mar, como uma tartaruga desajeitada, saindo de seu ovo enterrado na praia, levantando areia branca com suas nadadeiras. Eu corro ainda mais desajeitadamente, evitando derrubar algum competidor e ser punido.

Não tento chegar à frente, não agora, o momento certo virá logo, e nem foi por isso que corri na primeira vez.

Seu Jofre, um velho hipertenso e recluso, morava numa cabana no alto da serra e tinha, na época, um rádio amador. Um dia, transmitiu um alerta, precisava tomar um remédio com urgência, senão ficaria mal, podia até... Nem quero pensar, mas está gravado em minha mente, detalhe por detalhe.

Desde criança moro na pousada da tia Glória, numa ilha a cinquenta e cinco quilômetros da cabana do seu Jofre. Alguém que nadasse os cerca de dois mil metros de mar aberto, durante a madrugada — num horário sem serviço de balsa —, pegasse uma bicicleta na outra margem e pedalasse a toda velocidade mais quarenta quilômetros, para no final, correr pela mata numa trilha com subidas e descidas íngremes, estreitas, por outros doze quilômetros, com sorte daria ao velho uma pequena e improvável chance de sobrevivência.

Tia Glória me encarou preocupada.

— Lucas, você tem certeza? — não precisei dizer nada, ela entendeu, não havia outra escolha. No instante seguinte, ao telefone, tia Glória acionava o farmacêutico no continente, que também emprestaria a bicicleta.

Em busca do quase impossível, amarrei bem os tênis e me atirei na água. Por causa de um quase desconhecido dei as primeiras braçadas na água gelada, e segui, acelerando ao máximo para ganhar tempo, literalmente, tempo de vida.

Um jornalista esportivo hospedado na pousada ajudou muito, mantendo contato com seu Jofre pelo rádio. Depois de passado tudo, ele escreveu um artigo intitulado *A Maior Façanha Triatlética de Todos os Tempos*. Exagero, frase de efeito, puro sensacionalismo, o suficiente para tia Glória orgulhosamente emoldurar a página da revista e pendurá-la na parede da recepção da pousada.

A maior façanha triatlética de todos os tempos

Por Jorge Vidal

Não há nada mais alentador para a espécie humana do que ver um de seus exemplares superar os limites impostos pela natureza. Quando um recorde é batido, a humanidade como um todo estende os limites de sua capacidade. O nascimento de um herói deve ser saudado como um sinal de que nosso futuro pode sim, ser luminoso, porque nenhuma superação é gratuita, nenhum sacrifício é em vão, uma gota sequer derramada, de suor ou lágrima, de alegria ou tristeza é desperdiçada quando o amor é o combustível dessa proeza.

Estamos acostumados a ver feitos excepcionais em disputas esportivas, a reverenciá-los como dádivas concedidas por semideuses da destreza e da resistência física, talentos que, no mundo esportivo, apontam vencedores e perdedores. Se a esses atletas — profissionais bem pagos, exaustivamente treinados sob as mais rigorosas técnicas desenvolvidas em estudos médicos e fisiológicos — atribuímos uma aura superior por executar com maestria suas jogadas individuais ou em equipe e suportar desafios de resistência, como qualificar alguém que pulveriza marcas olímpicas? Esse fenômeno aconteceu e dou meu testemunho: o percurso do triatlo foi cumprido em menos de duas horas e vinte minutos, devido às circunstâncias, impossível determinar quão menos pode ter sido realmente. Isso foi feito não

para cruzar a fita de chegada em primeiro lugar e receber os louros de vencedor, mas para salvar um idoso enfermo, distante demais, inacessível para nós, humanos comuns.

Este, até aqui, anônimo herói, não se trata de um atleta sequer amador. É um campeão por natureza ao fazer o circuito completo de triatlo num tempo impensável. Fez isso para levar um medicamento a um senhor em apuros, morador de uma cabana no alto de uma serra íngreme e traiçoeira, à noite, guiando-se unicamente pelo instinto, ou, sabe-se lá, pelas estrelas ou por uma mão invisível.

Um jovem com tal espírito humanitário, capacidade de doação, dotes físicos e mentais, com o suporte adequado, orientação, treinamento, disciplina e técnica se transformará num vencedor ainda maior, porque nas suas veias corre uma espécie rara de sangue, o meu, o seu, de todos que, a exemplo deste Lucas da Ilha Encantada, acreditam num futuro melhor.

Aquilo não era nada. Depois de dar o remédio ao velho estirado no assoalho, ajeitar um travesseiro para dar a seu Jofre o máximo de conforto, contatei a pousada pelo rádio. Foram menos de duas horas e vinte minutos, contados no relógio, desde a minha entrada no mar até falar ao microfone. Aquilo foi espantoso para o tal jornalista e para todos os presentes, menos para mim, acostumado a viver naquela ilha encantada.

Em meio às manifestações efusivas dos hóspedes, minha tia deve ter ficado orgulhosa, e isso sim, mais do que tudo, me fez um bem danado, era uma grande recompensa. Eu apenas torcia para tudo dar certo, não importava o quanto nadaria, pedalaria ou correria. No final, salvar uma vida era o prêmio maior.

Aquela corrida contra o relógio em nada se pareceu com essa que é a prova mais importante da minha vida. Agora, a minha volta, os adversários mais afoitos saltam à frente, trazem o mar furiosamente, espalhafatosos, jogando água para todos os lados, um enxame de gafanhotos devorando a plantação.

De forma diferente dos que nadam próximos a mim, a respiração do seu Jofre havia se estabilizado, passando de grandes e aflitivas golfadas de ar para a serenidade de uma brisa ao luar. Isso foi um alívio, porque naqueles dias eu não saberia o que fazer caso o medicamento não surtisse efeito.

— Lucas, acaba de salvar a minha e a sua vida.

— Como assim, salvar a minha vida, seu Jofre?

Pelo receptor da estação de rádio do seu Jofre, a voz do jornalista soava em alto e bom som.

— Filho, você não tem ideia do que acaba de fazer! — exclamou exultante.

Eu sabia sim, havia botado seu Jofre de pé, na soleira da sua cabana, dominando o vale exuberante como uma velha águia. Ele tinha razão ao dizer que eu ganhara um novo e surpreendente presente — o esporte de alto nível, o triatlo.

E o jornalista em altos brados:

— Você acaba de quebrar todos os recordes!



Vencer é uma escolha difícil

A criação do triatlo como conhecido nos dias atuais é atribuída aos norte-americanos, atletas da natação universitária. Ao procurar uma atividade para manter a forma durante as férias, eles criaram essa que, mais tarde, se tornou uma modalidade olímpica. A ideia deu certo e foi utilizada pela marinha norte-americana, como parte do treinamento militar. Há quem situe o surgimento do triatlo no primeiro terço do século XX, entre as duas guerras mundiais, no território francês.

A primeira competição oficial aconteceu em 1974, na cidade de San Diego, Califórnia. Desde o primeiro Ironman, homem de ferro em inglês, possivelmente o mais extenuante dos desafios esportivos — prova realizada no Havaí a partir de 1978, com distâncias impensáveis em sequência, três mil e oitocentos metros de natação, cento e oitenta quilômetros de ciclismo, quarenta e dois de corrida — até a estreia nos XXVII Jogos Olímpicos, em Sydney, Austrália, 2000, o triatletismo se consolidou rapidamente, com mais de um milhão de praticantes em todo o mundo. Em boa parte isso se deve à junção de três modalidades individuais — natação, ciclismo e corrida — mas também a sua prática em perfeita integração com a natureza, ao desafio de alcançar e manter-se no seu limite físico e aos diferentes níveis de exigência corporal, mental e, sobretudo, espiritual.

A final olímpica mal começou e, adiante, já se forma um grupo menor, a devolver em braçadas a flutuação que o mar oferece de graça. Juarez, meu companheiro de equipe — um jovem alto de ombros largos e pernas longilíneas, perfeitas para a modalidade — está misturado ao entrevero de braços e pernas que torna as